



“A FLOR E A NÁUSEA”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: RESISTÊNCIA ÉTICA E TENSÃO SOCIAL NA MODERNIDADE

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE’S “A FLOR E A NÁUSEA”:
ETHICAL RESISTANCE AND SOCIAL TENSION IN MODERNITY

Fabício Lemos da Costa*
Sílvio Augusto de Oliveira
Holanda**

* fabricio.lemos1987@yahoo.com.br
Mestrando em Letras- Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará, Graduado e Licenciado em Letras-Língua Portuguesa pela UFPA-PA, Especialista em Produção de Material Didático e Formação de Leitores para a EJA pela UNIFAP-AP.
**eellip@hotmail.com
Pós-doutor em Estudos Românicos pela Universidade de Lisboa (2007). Atualmente é professor associado IV da Universidade Federal do Pará.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo tratar da tensão social na vivência do sujeito moderno no poema “A flor e a náusea”, do livro *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade (2002), evidenciando-se numa espécie de resistência ética em uma realidade complexa, em que os homens estão imersos. Para isso, abordaremos, em nossa leitura, como a dimensão social coloca-se no interior do texto poético, seguindo a perspectiva que une a Crítica à Sociologia, onde o condicionamento social opera como matéria poética, como pensa Antonio Candido (2000) em *Literatura e Sociedade*. No que tange à tensão associada à resistência, dialogaremos, principalmente, com Alfredo Bosi (2002), lumna Maria Simon (1978) e Antonio Candido (2017), trazendo-os, para pensarmos o que chamamos de poética da participação.

PALAVRAS-CHAVE: Carlos Drummond de Andrade, “A flor e a náusea”, Sociedade, Resistência, Modernidade.

ABSTRACT: This paper aims at dwelling with the social tension within the modern subject’s experience in the poem entitled “A flor e a náusea”, from Carlos Drummond de Andrade’s work *A rosa do povo* (2002), as a kind of ethical resistance in a complex reality where modern men are immersed. Thusly we will approach in this reading how the social dimension happens within the poetic text, following the perspective which bonds Critics to Sociology, in which social conditioning works as poetic matter, as in Antonio Candido’s *Literatura e Sociedade* (2000). Concerning the tension associated to resistance we will refer mostly to the works of Alfredo Bosi (2002), lumna Maria Simon (1978) and Antonio Candido (2017), thus aiming at the thought of what we call the poetics of participation.

KEYWORDS: Carlos Drummond de Andrade, “A flor e a náusea”, Society, Resistance, Modernity.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Este cujo pensar, como a andorinha, muda/ Para o céu da manhã num voo ascensional, / Que plana sobre a vida a entender afinal / A linguagem da flor e da matéria muda.

“Elevação”, Baudelaire

Símbolos obscuros se multiplicam/ Guerra, verdade, flores?

“Nosso Tempo”, Drummond

1. A CRÍTICA SOCIOLOGICA EM “A FLOR E A NÁUSEA”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: UMA PROPOSTA DE LEITURA

Faz-se mister, para fins metodológicos, esclarecermos o desenvolvimento da leitura que realizaremos em “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade. Ter-se-á, para efeito de interpretação, a crítica sociológica como base de nossa proposta interpretativa, sobretudo aquela formulada por Antonio Candido em *Literatura e Sociedade*. Em suma, recorreremos sempre que necessário aos conceitos e reflexões do professor e crítico literário brasileiro, principalmente, ao sublinharmos a matéria poética e a relação entre o contexto social, particularidades externas ao texto, e a forma como se dá a constituição interna do poema. Nesse sentido, compreendemos a inserção social como uma chave importante na conjuntura do texto, realizando-se numa

“organicidade”, isto é, em uma forma, cujas implicações justificam a singularidade do poema.

Vejam um trecho de *Literatura e Sociedade*, de Antonio Candido, que demonstra a relação entre o social e a ficção, como sublinha já no título do livro: “Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.” (CANDIDO, 2000, p.06, grifo do autor). Nesse sentido, as formulações de Candido interessam-nos, na medida em que fornecem conceitos necessários para a interpretação de cunho crítico-sociológico. Aliás, a relação entre literatura e sociedade encontra-se presente em toda a crítica de Candido, como ressalta Labastida ao utilizar conceitos do crítico brasileiro em reflexões sobre o cânone no México: “se inscribe en una dirección determinada en sus estudios literarios y pone el acento, en ocasiones gozoso, en los aspectos sociales y económicos de la obra literaria.” (LABASTIDA, 2003, p.18). Neste ínterim, propomos uma leitura de diálogo entre o social, o qual fornece a matéria poética, e a literatura, resultando-se em uma harmoniosa “forma orgânica”.

Em “A flor e a náusea”, esse viés *externo* que se imbrica na formulação da estrutura *interna*, como pensa Antonio Candido, coloca-se, inicialmente, perceptível na temática

do poema, qual seja: a inquietação e tensão social do sujeito lírico em ambiente inóspito e alarmante, que ecoa do clima de guerra, advindo desde a Primeira Guerra Mundial. Nessas condições gerais, verifica-se uma resistência entre o ético e o fraterno, ou ainda, entre o eu e mundo, como sublinha Antonio Candido no ensaio “Inquietudes na Poesia de Drummond”: “A validade do fato como objeto poético bastante em si, nivelando fraternalmente o eu e o mundo como assuntos de poesia.” (CANDIDO, 2017, p. 69). Trataremos ainda desse envolvimento, o eu e o mundo, porque acreditamos estar nele a chave da construção interna do objeto poético.

Assim, entendemos a percepção do social no poema “A flor e a náusea”, isto é, no encaminhamento do contexto histórico como matéria poética que se internaliza, não como “sociologismo crítico”, tal como se dava no século XIX, herdeiro que era do Positivismo. Ao contrário, interessa-nos a “noção de ‘forma orgânica’, relativa a cada obra e constituída pela inter-relação dinâmica dos seus elementos, exprimindo-se pela ‘coerência’” (CANDIDO, 2000, p.02). A coerência que se revela nas reflexões de Antonio Candido mostra-nos como dado importante na interpretação que propomos do poema do poeta mineiro, como fica demonstrado, desde o título do texto, uma flor que apresenta uma carga significativa, alargando-se para além da

tradicional significação que remonta à beleza, à pureza e à integridade. Em suma, a flor no texto drummondiano carrega uma coerência com o estado de náusea, ao mal-estar que o ocasiona.

Da leitura pela crítica sociológica, é possível verificar a estrutura interna do poema “A flor e a náusea”, a qual se apresenta entrelaçada com a matéria poética advindo do contexto, em referências que marcam a consciência de uma crise por demais arraigada à sociedade pós-guerra. Em “Rosa do povo: uma poética em tensão”, texto introdutório de *Drummond: uma poética do risco*, de Simon, sublinha-se: “A mudança das circunstâncias históricas altera não só a concepção sobre a arte, como sua estrutura interna que, incorporando a consciência da crise, passa a ser uma estrutura que se autorreferencia” (SIMON, 1978, p. 51). Ei-lo:

A FLOR E A NÁUSEA

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjoo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
 Não, o tempo não chegou de completa justiça.
 O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre
 fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
 Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
 O sol consola os doentes e não os renova.
 As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.
 Quarenta anos e nenhum problema
 resolvido, sequer colocado.
 Nenhuma carta escrita nem recebida.
 Todos os homens voltam para casa.
 Estão menos livres mas levam jornais
 e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
 Tomei parte em muitos, outros escondi.
 Alguns achei belos, foram publicados.
 Crimes suaves, que ajudam a viver.
 Ração diária de erro, distribuída em casa.

Os ferozes padeiros do mal.
 Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
 Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
 Porém meu ódio é o melhor de mim.
 Com ele me salvo
 e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
 garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
 Suas pétalas não se abrem.
 Seu nome não está nos livros.
 É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
 e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em
 [pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.
(DRUMMOND, 2002, p.118-119)

3. A RESISTÊNCIA ÉTICA EM “A FLOR E A NÁUSEA”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O livro de poemas *A rosa do povo*, publicado em 1945, representa, no conjunto da obra de Carlos Drummond de Andrade, um momento ímpar de sua produção, pois, vê-se um Drummond mais participativo no que tange ao seu “tempo presente”, assim como verifica-se uma grande liberdade no que diz respeito à experimentação poética. Simon, em nota preliminar à sua tese *Drummond: a poética do risco*, afirma que o poeta mineiro “se propõe a participar do momento histórico em que vive” (SIMON, 1978, p. 19). Para *A rosa do povo*, então, ainda de acordo com Simon, é possível detectar-se uma tensão latente, sobretudo nos poemas mais participativos, onde “a abertura do discurso poético aos acontecimentos de seu tempo” (SIMON, 1978, p. 19), convergem para o tenso diálogo entre forma e comunicação poética. No estudo realizado por Simon, a estudiosa afirma serem os seguintes poemas os quais podemos considerar, em suas palavras, como “engajados”: “O Medo”, “Nosso Tempo”, “Anúncio da Rosa”, “O Elefante”, “Morte do Leiteiro”, “Notícias”, “América”, “Cidade Prevista”, “Carta

a Stalingrado”, “Telegrama a Moscou”, “Mas Viveremos”, “Visão 1944” e “Com o Russo em Berlim”.

Em sua organização temática, Simon considera o poema “A flor e a náusea” pertencente ao bloco temático do “Indivíduo (‘um eu todo retorcido’)”, entretanto, como bem aponta a estudiosa, mesmo organizando os poemas em fileiras temáticas, qualquer tentativa de definir os poemas em questões fechadas, do ponto de vista do tema, é uma tarefa meramente ilusória, pois os textos “apresentam-se complexamente entrelaçados, sendo a sequência dos poemas de um conjunto, não raro seccionada pela inserção de um ou mais poemas pertencentes a outros conjuntos.” (SIMON, 1978, p. 60). Assim, é dessa maneira que preferimos considerar “A flor e a náusea” como um poema participativo, engajado, porque a reflexão lírica que emerge do poema, dá-se pelo viés da resistência à individualidade e à alienação.

Da matéria poética, o poema, organizado em quarenta e oito versos, divididos em dez estrofes, vemos emergir uma unidade expressiva, na qual, significativamente, corrobora um conjunto de palavras que “saltam” aos olhares dos leitores como alheias à quietude, pois que são desenvolvidas como produção que joga com os polos opostos da significação, com palavras que vão do “enjoo” ao “ódio”, marcas da inquietude do eu lírico. Dessa unidade, temos combinações que relacionam a flor aos termos que a caracteriza:

desbotada, feia, sem cor. Nesse sentido, tais vocábulos caracterizadores prefiguram à recusa ao convencional, preferindo, em suma, a modernidade, na qual carrega em seu bojo, o choque pelo inusitado. Nessa perspectiva, de unidade expressiva, Antonio Candido em *O Estudo Analítico do Poema*, declara: “No poema, as palavras se comportam de modo variável, não apenas se adaptando às necessidades do ritmo, mas adquirindo significados diversos conforme o tratamento que lhes dá o poeta.” (CANDIDO, 2006, p.111)

Assim, quando se trata da organização das palavras, por exemplo, para efeito de unidade expressiva no poema “A flor e a náusea”, elabora-se como questão reflexiva fundamental, a aposta pelas imagens do nascimento de uma flor, que emerge do campo significativo de termos que a alinham às expressões que implicam a possibilidade da inovação semântica, isto é, daquilo que se eleva ao caos, e, por vezes, à corrosão de si mesma. Nesse ínterim, ao eleger palavras que realçam a anulação da própria flor, o poeta insere-a num projeto estético claro que redimensiona o seu campo de sentido, desde o seu nascimento. Faz-se mister considerar que estamos no terreno do poético, sendo assim, imprescindível que tratemos essa unidade expressiva, na qual identifica a flor, metaforicamente, às matérias sólidas, como o aço, conforme seu processo lógico de alterar significados. Para isso, organiza-se o poema em imagens,

por vezes, enigmáticas, excêntricas, ou ainda, paradoxais. Segundo Antonio Candido:

Neste caso, temos um processo comum na poesia, que consiste em organizar logicamente, racionalmente, um pensamento poético, que em si é ilógico, pois está baseado na alteração dos significados normais das palavras. Resulta ao mesmo tempo, no fim do poema, um sentido geral claro e expressivo, e um sentido figurado em cada parte, ambos colaborando para o efeito poético total. (CANDIDO, 2006, p.120)

Destarte, quando verificamos que no poema drummondiano, um mote parece irradiar um conjunto expressivo em todo o texto, vê-se que o nascer de uma flor, fato aparentemente banal e corriqueiro, revela-se como ato perturbador devido ao seu estranhamento, cujas causas são aquelas que emergem da “alteração dos significados”, de que fala Candido. Dessa forma, ao irromper o asfalto, a flor inaugura uma espécie de super-imagem, onde os demais termos entram como “alicerce” dessa “forma insegura”, dando-lhe unidade e identidade nova. Assim, como sublinha ainda Candido, “no que se refere ao sentido geral do poema, pode haver o caso de uma série de imagens, ou de palavras em sentido próprio, que acabam por criar uma espécie de super-imagem” (CANDIDO, 2006, p.123). Desse

modo, os versos em “A flor e náusea”, distribuem-se, caso consideremos a tradição poética, pesados, longos, mas, ao mesmo tempo, interconectados ao sentido do poema, no qual irrompe a dureza da sua capacidade de furar o asfalto.

À guisa de exemplo, gostaríamos de destacar a nona estrofe, onde a flor, nega-se à categorização, assim como afirma a sua identidade complexa, pois ainda que seja prefigurada em traços que a colocam em um suposto campo significativo de inferioridade, quando a pensamos ao lado de outras flores, símbolo da beleza e da harmonia, essa que nasceu na rua, só pode afirmar-se como super-imagem, ou ainda, da metáfora que transpõe o seu ideal, para eleger a tensão e o choque. Portanto, em relação ao aspecto expressivo formal, o poema “A flor e a náusea”, tem como base a criação dessa super-imagem. No centro, encontra-se a flor, e ao lado, irradiam-se palavras que entram em tensão dialética, conforme os versos se distribuem, como num entrechoque.

Nessa organização estrutural do poema, como pensa Candido em *O Estudo Analítico do Poema*, dá-se como “progressão constante do argumento poético” (CANDIDO, 2006, p.34). Considerando essa progressão, temos: 1) As imagens que inauguram uma inovação semântica, próprio do poema 2) organização formal que distribui os versos para configurarem em sintonia com o “peso” da matéria

poética, 3) entrechoques e tensões entre as palavras, nas quais expressam a unidade e identidade, desde o nascimento da flor. Outro aspecto que precisamos considerar na análise do poema “A flor e a náusea”, é a ausência de sonoridade. Do ponto de vista da modernidade, faz-se mister considerar, como aponta Candido, “que com o Modernismo houve de um lado a dessonorização da poesia, que se aproximou sob este aspecto da sonoridade normal e mais discreta da prosa” (CANDIDO, 2006, p.42).

Em Drummond, desde *Sentimento do Mundo*, publicado em 1935, vê-se um eu que busca alcançar um “Salto participante”, esboçados, sobretudo em *A rosa do povo*. Para o povo, emana uma vontade participativa, de pertencimento a uma espécie de éthos comum, em que emana o pedido de silêncio e grito, paradoxos próprios de um mundo em crise, de um “eu todo retorcido”. Ainda de acordo com Simon, “com *A Rosa do Povo*, se lhe impõe a poesia como participação e empenho político: a luta contra o fascismo, a Guerra de Espanha e a Guerra Mundial favoreceram o desenvolvimento da literatura participante em todo o mundo” (SIMON, 1978, p. 52). Assim, nesta seção, discorreremos sobre o movimento de resistência ética que se desenvolve na poética de Carlos Drummond de Andrade. Para isso, faz-se necessário pensarmos sobre o sentido de “resistência” no interior do texto literário, sobretudo, em gênero tão

“delicado”, como é o poema lírico. Além disso, é importante refletirmos sobre a relevância desse viés ético para o conjunto da obra drummondiana.

A singularidade poética de Carlos Drummond de Andrade, poeta que dialoga, sobremaneira, com o mundo, com seus acontecimentos, faz-se lembrada por vários críticos como “crítico e inquieto” (BOSI, 2008, p.23), o qual ecoará em boa parte de sua obra, como fica evidente no próprio título do livro em que “A flor e náusea” está inserida: *A rosa do povo*. Assim, a relação entre literatura e contexto em “A flor e a náusea” interessa-nos como “horizonte percebido”, compreendendo-se a complexidade do momento, como evidencia Bosi ao dialogar com Georg Simmel: “o contexto que interessa ao intérprete de poesia é o horizonte percebido, sentido e expresso no texto poético” (BOSI, 2017, p.37). Portanto, a leitura e interpretação de “A flor e a náusea” mostra-nos uma contradição e uma tensão do tempo, “ao nível do olhar do poeta” (BOSI, 2017, p. 38). Bosi, neste ensaio, interpreta o poema “Visão 1944”, mas seus comentários dialogam com um amplo conjunto de poemas de *A Rosa do Povo*, em que a guerra, seus efeitos, sobretudo, projetam imagens díspares, as quais deverão ser analisadas com “ênfase”.

À luz de Adorno, poder-se-ia pensar, como tratar poeticamente de um “tempo de fezes”, além disso, como

escrever poesia diante de “crimes da terra”, ou ainda, “como perdoá-los?”. Temos, aqui, perguntas que podemos encontrar no próprio texto, em sua tensão, onde imbrica a literatura participativa pela reflexão lírica. Dialogando com Otto Maria Carpeaux, Alfredo Bosi, em *Literatura e Resistência*, compara o tom político de Drummond com outro autor brasileiro, Graciliano Ramos. De acordo com Bosi, ambos:

Dão testemunho de uma percepção aguda das tensões existenciais e políticas que atravessam o romance de um e a poesia do outro. Embora envolvidos pela contingência brasileira, a que permanecemos sempre ligados, Graciliano e Drummond são lidos como vozes que dialogam com o homem contemporâneo dos fascismos e da guerra: vozes nacionais e supranacionais ao mesmo tempo (BOSI, 2008, p.39)

Dessa forma, compreendemos a “faceta” da resistência ética na poesia de Drummond, em que o político se encontra ligado a essas “vozes nacionais e supranacionais”, de que trata Alfredo Bosi. Em suma, é a vontade de conectar-se ao povo, à sua dor, às suas tensões, perfazendo-se em inquietudes no sujeito lírico, misturando-se na matéria poética: “O tempo pobre, o poeta pobre/ fundem-se no mesmo impasse” (p. 78)¹. Vê-se que o eu-lírico reflete sobre um tempo pobre, cujas intersecções o alcançam em

1. Todas as citações de “A flor e a náusea” se referem a essa edição (1. ed.) e serão indicadas apenas pelo número da página.

magnitude e expressão, isto é, no interior do eu que em contato com o mundo, capta sua tensão, transbordando-o e reconstituindo em pedido de atenção para um evento: “Uma flor nasceu na rua!” (p.78).

O nascimento da flor, matéria muda, colocar-se-á no “centro nervoso” e ao mesmo tempo como oportunidade quase religiosa, *religare*, de implantar uma ética, onde o coletivo, lugar do povo, estaria no cerne das questões, porque é o momento do encontro do eu com o mundo, o qual decorre da sua identificação, como aponta Antonio Candido: “Trata-se de um problema de identidade ou identificação do ser, de que decorre o movimento criador da sua obra na fase apontada, dando-lhe um peso de inquietude que a faz oscilar entre o eu, o mundo e arte, sempre descontente e contrafeita.” (CANDIDO, 2017, p.70). Em “A flor e a náusea”, é possível discutir o engajamento literário e por meio dele, a resistência marcada como relação entre o eu e o mundo, como foi exposto anteriormente.

Perceber-se-á, portanto, na estrutura geral do poema, que o eu-lírico deseja demarcar o território do debate social, cujas intersecções perfazem o contexto político do momento, tempo doente e triste, como fica claro nos seguintes versos: “O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera” (p.78). De acordo com Denis Benoît, “o escritor engajado deseja fazer aparecer o seu engajamento

na literatura mesmo; ou, dizendo de outra forma, deseja fazer de modo que a literatura, sem renunciar a nenhum dos seus atributos, seja parte integrante do debate sócio-político.” (BENOÎT, 2002, p. 22). O poema que surge como necessidade de expressão, como declara o eu-poético, imbrica-se com o “mau tempo”. Drummond, poeta que percebe a tensão social e o drama da modernidade, expõe e problematiza o seu tempo.

Em *A rosa do povo*, sobretudo, o poeta mineiro liga-se ao período em que a literatura engajada, desenvolvida e definida por necessidade no contexto pós-guerra, afirma sua conexão com o mundo em questões que emergem do debate moderno das várias fraturas e tensões do homem em ambiente tão inóspito, como sublinha Benoît: “Tudo isto que precede diz bem que, num sentido estrito, o engajamento literário é um fenômeno do século XX” (BENOÎT, 2002, p. 25). O século XX é o momento em que a poesia lírica, ao trabalhar com matéria tão delicada, esboça reflexões a serviço da coletividade, da ética que deveria nortear o sujeito, ajudando-o a lidar com dramas por demais arraigados na vivência traumática, resultado de conflitos nacionais e internacionais. Recorrendo novamente a Denis Benoît, concordamos com o crítico ao afirmar que “o escritor engajado é aquele que assumiu, explicitamente, uma série de compromissos com relação à coletividade.” (BENOÎT, 2002,

p. 31). Nessas condições, o lirismo se renova na modernidade, tendo espaço para palavras como vomitar, fezes, anarquista, ônibus, aço, tráfego, asfalto, nojo, pânico, entre outras, que “expurgam” uma necessária exposição do tempo presente ao poema.

Portanto, fica claro que em “A flor e náusea”, terceiro poema de *A rosa do povo*, o social coexiste naquilo que Adorno considera como caminhos da expressão e virtude de artistas que “conquistam sua participação no universal” (ADORNO, 2008, p.66). Além disso, faz-se mister apontar que o social apenas tem valor para a obra de arte, caso este tenha demonstrado sua especificação dentro do próprio texto, como sublinha Adorno em “Palestra sobre lírica e sociedade”: “A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela.” (ADORNO, 2008, p.66). Assim, a crítica literária, ao revisar a poética de Drummond, principalmente aquela mais voltada à crítica sociológica, parece concordar com esse caráter de resistência presente na obra do poeta mineiro, como Alfredo Bosi, que considera o poeta como público, no sentido de demarcar o viés coletivo diante de contextos autoritários.

Então, ao empreender um lirismo que projeta o eu no mundo, a poesia drummondiana importa-se, sobremaneira, com uma certa esperança, ainda que seja no interior da

catástrofe, como se dá na revelação do nascimento de uma flor: “É feia. Mas é realmente uma flor” (p.79). A poética de Drummond, como revela em um dos seus títulos, carrega um *Sentimento do mundo*, porque se compreende, ao fazer parte do universal, na maneira do pensamento de Adorno: “o mergulho no individuado eleva o poema lírico ao universal.” (ADORNO, 2008, p.66). O poeta público, comprometido com o engajamento, como nos mostra Denis Benoît em *Literatura e Resistência: de Pascal a Sartre*, tornar-se-á um porta voz do povo, conforme tem consciência dos perigos que rondam a sociedade. Segundo Alfredo Bosi:

O Drummond “poeta público” da *Rosa do povo* foi a fase intensa, mas breve, de uma esperança que nasceu sob a Resistência do mundo livre à fúria nazifascista, mas que logo se retraiu com o advento da Guerra Fria. A civilização que se forma sob os nossos olhos, fortemente amarrada ao neocapitalismo, à tecnocracia, às ditaduras de toda sorte, ressoou dura e secamente no *eu* artístico do último Drummond. (BOSI, 1994, p.441)

“Crimes da terra, como perdoá-los/ Tomei parte em muitos, outros escondi” (p.78, grifo nosso). Esses versos de “A flor e náusea” revelam o caráter fundante desse compromisso ético tomado pelo eu artístico, direcionando uma ativa participação no mundo, como se percebe nos verbos pretéritos

perfeitos: *tomei, escondi*. São, pois, esclarecedores do manifesto, que nos arriscamos a dizer que são projeções quase de pedido de silêncio diante da tensão evidente na modernidade, refletindo-se no nascimento da matéria muda, a flor: “Façam completo silêncio, paralise os negócios” (p.78), mas, ao mesmo tempo, não podemos esquecer que diante da crise, a tensão social obriga “a oscilação entre o grito e o silêncio” (SIMON, 1978, p.58), projetando-se em riscos pela reflexão crítica. Então, Drummond, “poeta manifestante”, congrega o eu em um mundo “torto”, pedindo-lhe silêncio, já que “as relações humanas lhe parecem dispor-se num mundo igualmente torto” (CANDIDO, 2017, p.77).

Neste poema “público”, no sentido que estamos, aqui, desenvolvendo, isto é, no lirismo que se alarga do eu para a coletividade em reflexão lírica, a cidade é o palco das mazelas e das rupturas das relações: “Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” (p.79). A cidade é para onde o “mal”, de acordo com a modernidade, tudo converge, retirando-lhe a matéria poética, como declara Walter Benjamin em *A Modernidade e os Modernos*: “Os poetas encontram na rua o lixo da sociedade e a partir dele fazem sua crítica.” (BENJAMIN, 1967, p. 15). Portanto, da cidade, ecoa a reflexão lírica, em sua tensão, onde a realidade é exposta por meio do inesperado nascimento de uma flor. Acreditamos ser o nascer dessa flor, a forma singular pelo qual a matéria

poética, o tenso período de alienação, reveste-se em “forma orgânica”. Sendo, pois, o informe objeto o amálgama entre o tempo presente e o poema.

Benedito Nunes, no ensaio “Carlos Drummond: morte absoluta”, mesmo longe de uma crítica sociológica, porque se liga a uma perspectiva mais hermenêutica, aborda a motivação da afirmação da vida a todo custo, como se pode verificar na imagem da flor que carrega quase sua anulação, mas, ainda assim, continua sendo flor: “Sua cor não se percebe. / Suas pétalas não se abrem. / Seu nome não está nos livros. / É feia. Mas é realmente uma flor.” (p.79). Nunes, ao revisitar a poética de Drummond, indica sua concordância com uma parte da fortuna crítica do poeta mineiro, ao apontar a resistência ética como alicerce do sentimento do eu no mundo. O crítico explica, por meio da importância do tempo, aquele da guerra, como válvula que marca o drama humano. De acordo com Nunes:

Compreendemos por que a teimosa repulsa se transforma numa atitude de resistência ética, se levarmos em conta que a vida que o poeta afirma, em “Mãos dadas”, é o “tempo presente”, a época sombria da Segunda Guerra Mundial, tragicamente dividida, como a de hoje, entre a esperança da renovação e o desespero da destruição. (NUNES, 2009, p. 242)

“Porém meu ódio é o melhor de mim. / Com ele me salvo/ e dou a poucos uma esperança mínima.” (p.78, grifo nosso). Esses versos são esclarecedores em nossa leitura, porque explicita a afirmação da vida em um momento tão delicado, onde *poucos* e *mínima* é ainda alguma coisa, é um respiro que ainda existe no meio da catástrofe e da barbárie dos contextos nazifascistas. Estamos, aqui, no interior de uma discussão que remete a um período moderno, em que a lírica na exigência do tempo, renova sua força, pois, como declara Adorno, “enuncia o sonho de um mundo em que essa situação seria diferente” (ADORNO, 2008, p.69). Em suma, não seria exagerado pensarmos que a poesia lírica far-se-ia como uma espécie de “grito de alerta e manifestação do eu no universal”, já que, retomando a Adorno, “implica o protesto contra uma situação social que todo indivíduo experimenta como hostil, alienada, fria e opressiva.” (ADORNO, 2008, p. 69)

Em “A flor e náusea”, vê-se que o “tempo presente” implica a renovação da lírica². Esta não podendo apenas tratar do amor puro em paisagens campestres, recorre à cidade, retirando “do seu lixo”, a matéria poética. O eu lírico toma consciência do mundo, partindo-se de uma ética, assim como nos revela um interesse pelo destino dos homens que se encontram aprisionados em sua classe, num tom *niilista*, eles se perdem: “Todos os homens voltam para

casa. / Estão menos livres mas levam jornais/ e soletram o mundo, sabendo que o perdem.” (p.78)

Ao mostrar que o homem tem consciência da perda do mundo, o eu artístico coloca-nos a mais grave fratura sofrida em situação caótica. Em relação ao tempo, o eu lírico fê-lo coerentemente, pois, ao dizer que o “tempo é ainda de fezes”, demonstra um dos motivos de tamanho desacordo social, isto é, pela falha da justiça, e em consequência a da democracia, como fica claro no verso: “Olhos sujos no relógio da torre:/ Não, o tempo não chegou de completa justiça” (p.78). Temos, aqui, um eu que se coloca na posição consciente do tempo, como se dá no tom enfático do vocábulo “Não”. Com isso, concordamos com Alfredo Bosi, ao afirmar que “O grande escritor é uma antena capaz de apreender os sinais de fratura entre épocas” (BOSI, 2002, p. 39). A fratura de que fala Alfredo Bosi, portanto, constitui-se em todo o poema como amálgama de um “mundo torto”, numa fusão entre o eu e este último, com o fim de declarar um contexto que se mostra “pesado”, mesmo na natureza, como em “nuvens maciças” e “rio de aço do tráfego”.

Internamente, ou seja, em sua “forma orgânica”, como nos explica Antonio Candido, o qual já tivemos oportunidade de demonstrar, o eu desvela o social, artisticamente,

2. Cf. Adorno, 2002, p. 70: “Aquilo que entendemos por lírica, antes mesmo que tenhamos ampliado historicamente esse conceito ou o direcionado criticamente contra a esfera individualista, contém em si mesmo, quanto mais ‘pura’ ela se oferece, o momento da *fratura*”

e no “tempo presente”, o eu, o individuado, como afirma Adorno, perceber-se-á no universal comungando das dores e fraturas de todos, dos homens, pois alguns não percebem a tragédia presente, se encontram conformados pela força da alienação.

Nesse sentido, o eu, no seu comprometimento ético, conscientemente, dá ênfase aos acontecimentos, alargando-os para que se veja na sua amplitude: “As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.” (p. 78). Ao evidenciar o social, o eu toma partido ao escolher o que será enfatizado, já que “no sentido próprio, *engajar-se* significa também *tomar uma direção*.” (BENOÎT, 2002, p. 32, grifo do autor). Em “A flor e a náusea”, o eu expõe uma sociedade esfacelada por falsas promessas de ordem e progresso, demarcadas por um capitalismo desmantelado e irresponsável, onde o homem perde sua identidade e quem o vê, agora, são as mercadorias amontoadas e agigantadas nas vitrinas: “Melancolias, mercadorias espreitam-me.” (p.78). Dessa forma, o poema drummondiano é marcado pela resistência ao sistema que se perfaz por via desumana e que reduz o homem um mero joguete dos negócios, como explica Alfredo Bosi em *O ser e o tempo da poesia*, capítulo “Poesia Resistência”: “A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, ‘esta coleção de objetos de não

amor’ (Drummond). Resiste ao contínuo harmonioso pelo descontínuo gigante” (BOSI, 1977, p. 146).

A poesia na modernidade, então, é um duro golpe à falsificação do progresso, na qual a mecanização da vida destrói as relações íntimas e saudáveis do homem, tornando-o prisioneiro, estes “estão menos livres”, como declara o eu poético. Alfredo Bosi considera que a “resistência também cresceu junto com a ‘má positividade’ do sistema” (BOSI, 1977, p.143). Entende-se desse argumento, pois, que a poesia lírica se torna engajada no interior do próprio sistema que, de tanto reprimir o homem, exige uma postura da arte. Justificam-se, assim, tantas palavras “amarradas” no campo significativo da cidade, símbolo do progresso e da civilização, como “teia crescente de domínio e ilusão que os espertos chamam desenvolvimento” (BOSI, 1977, p.142). Assim, entendemos o dialético movimento entre o progresso e o resultado caótico do sistema nas seguintes palavras: tédio x cidade, nojo x capital, ódio x asfalto, melancolias x negócios, pobre x mercadorias, doentes x tráfego, enjoo x bondes.

Certos homens “estão menos livres”, porque são o resultado de uma alienação, onde tudo converge para a “racionalização”, na qual a “má positividade” está inserida. A modernidade prepara aos poucos, a prisão do homem, este

não podendo mais olhar as “coisas com ênfase”, mergulha num tédio e numa melancolia que o levam para a alienação. Segundo Ianni, “esse é o clima em que surge a metáfora da ‘prisão de ferro’. De tanto organizar, sistematizar, contabilizar, calcular, burocratizar, modernizar ou racionalizar, o homem moderno acaba por ver-se metido em uma jaula de ferro, provavelmente sem porta nem janela.” (IANNI, 1999, p.23). Assim, as palavras prosaicas, em sua maioria, carregam uma carga significativa por demais ligadas ao problema que se coloca no poema, como desenvolve Antonio Candido em “Inquietudes na poesia de Drummond”.

Além disso, como afirma o mesmo crítico, no mesmo ensaio, o poeta mineiro não “procura ser agradável”, porque a questão que se evidencia neste tempo precisa “exteriorizar a compulsão interna, num verdadeiro choque com o leitor” (CANDIDO, 2017, p.98). Menciona-se, aqui, a projeção social que nasce, inicialmente, internamente ao texto, na sua “organicidade”, onde o “tempo presente” é filtrado no poema como divisa entre o eu e o mundo, estes “fundem no mesmo impasse”, como menciona o eu artístico. Segundo Bosi, “a tensão é o dado de realidade social e íntimo que engendra a diferença, a oposição e o aberto contraste” (BOSI, 2002, p.39). Dessa consciência social, instaura-se uma tensão por via de contrastes, como apresentamos, por exemplo, na oposição entre os vocábulos que remetem à

cidade e àqueles que se chocam com a ideia de positividade no progresso.

A resistência no poema “A flor e a náusea”, dessa forma, nasce da tensão que se coaduna entre os opostos, e com eles, dá-se todo um desmascaramento do progresso, da ideia positiva das mercadorias, da falsa liberdade dos homens que leem jornais, mas perdem o mundo. A poesia de Drummond, como tantos críticos já disseram, atinge uma plena maturidade, porque eleva o poema à universalidade pelas lentes do individuado, num todo coerente que projeta a dor geral no eu, como pensa Antonio Candido: “O seu cantar se torna realmente geral porque é, ao mesmo tempo profundamente particular” (CANDIDO, 2017, p.83). O cantar coerente do poeta, por outro lado, coloca-se numa situação privilegiada ao perceber o seu tempo, mediante a ênfase que se dá aos aspectos da realidade.

Neste caso, a matéria poética sofre um alargamento, numa espécie de seleção do produto social, o qual é transformado em forma artística. O resultado da escrita, neste caso, o poema, interessa-nos na medida em que o social ganha uma forma particular pelas “lentes” artísticas. O filtro poético, dessa forma, explica versos como: “Devo seguir até o enjoo? / Posso, sem armas, revoltar-me?” (p.78).

Vemos, nestes fragmentos anteriores, que o eu reforça a reflexividade lírica, “caminhando” de “mãos dadas” com todos, pois o assunto poético interessa aos homens, aqueles que veem ou não as coisas com ênfase. Segundo Candido, “no importante poema “A flor e a náusea”, a condição individual e a condição social pesam sobre a personalidade e fazem-na sentir-se responsável pelo mundo malfeito, enquanto ligado a uma classe opressora.” (CANDIDO, 2017, p.80). A pergunta inicial, une o eu e a humanidade inteira, já que, diante do drama que assola o mundo, todos têm sua parcela de culpa, “Preso à minha classe e a algumas roupas” (p.78). O eu artístico em “A flor e a náusea” fala por todos, tem consciência do tempo que não possui “completa justiça”, mas evoca, quase em utopia, um momento novo, “uma flor nasceu na rua!”, no meio do caos e da melancolia.

No poema de Drummond, a flor que nasceu em um lugar não previsto, ao furar o asfalto, como se declara no texto, rompe com todo um campo significativo, daquele que liga a flor aos sentidos de pureza e fragilidade, para conectar-se à modernidade, tal como o poeta Charles Baudelaire inaugurou em suas *Flores do mal*. Assim, a flor que nasceu no poema drummondiano apresenta um viés que a liga à flor do poeta francês, pois nasce no interior da cidade, em ambiente de choque e tensão, assim como, no “mal”, abre-se às várias possibilidades, inclusive, à “impossibilidade”

e ao informe: “Uma flor ainda desbotada”, “Sua cor não se percebe”, “Suas pétalas não se abrem”, “Seu nome não está nos livros”. Estes versos elevam-na a uma espécie de flor impossível, no sentido moderno da ideia de fragmentação e não totalidade dos objetos e dos homens.

A flor de “A flor e a náusea”, lembra-nos um estágio em que tudo prefigura ao informe, e ao corpo que se torce, conforme o tempo, em que tudo é melancolia e tédio. Por outro lado, podemos recorrer a Eliane Robert Moraes, em *O Corpo impossível*, e afirmar que a flor do poeta mineiro lembrar-nos-ia o homem e sua modernidade, em que a sua imagem não é fixa, como menciona o eu lírico, “É feia. Mas é realmente uma flor”. Vejamos:

Se não há limites para a destruição do homem, então a sua desfiguração só pode realizar-se enquanto um processo interminável, sem jamais alcançar um estado definitivo e absoluto. Se a medida do homem é o impossível, qualquer tentativa de fixar-lhe uma imagem última torna-se igualmente uma tarefa impossível. (MOARES, 2017, p.151)

Ao evidenciarmos a modernidade no poema de Drummond, ainda podemos explorar a ideia de “mal”, por exemplo, como se encontra presente no título de Charles Baudelaire, como já mencionamos anteriormente, passando

por todo o espírito de uma época. No título do poeta francês, a flor imbrica-se no mal, no poema de Drummond, o mal imbrica-se no homem: “Os ferozes padeiros do mal./ Os ferozes leiteiros do mal.” (p.78), mas, ao final, o “mal” abarca tudo, sem distinção de classe ou profissão, afinal, retira o homem e os objetos de seus confortos, para jogá-los numa zona de choque, mal-estar e enjoo. Por outro lado, vale ressaltar, como foi argumentado por vários críticos, a flor de “A flor e a náusea”, mesmo na perda das características do ideal de flor, esta remete à ideia de esperança, de uma utopia próxima, de um futuro melhor.

Ressaltamos, aqui, que, em “A flor e náusea”, de Carlos Drummond de Andrade, de acordo com o pensamento de Denis Benoît, coloca-se no interior do que chamamos de literatura engajada, porque nasce do eu e encaminha-se à política, ao contrário da literatura militante que, desde o início, está inserida na política. Benoît declara: “a literatura engajada não é antes de tudo política: ela só o é em virtude de uma necessidade secundária” (BENOÎT, 2002, 35). Entendemos, assim, o político, marca da resistência ética, como viés que liga o poema drummondiano à coletividade, a prefiguração de uma matriz que envolve todos, sobretudo, àqueles que não veem as coisas com ênfase. Benedito Nunes, ao tratar da morte na poética de Drummond, diz que em *A rosa do povo*, constitui um expediente da afirmação da

vida. É uma tática adotada pelo poeta de resistência ética à morte.” (NUNES, 2009, p. 248)

O comentário do crítico e filósofo Benedito Nunes, como vemos, está de acordo com nossa leitura sobre a relação entre o homem e a flor, na medida em que esta última caracteriza-se como feia, mas, ainda assim, é uma flor, isto é, representa modernamente a resistência contra posturas que intimidam o ser humano, que o jogam contra forças obscuras, nascidas do autoritarismo. Ao final do poema, vê-se o eu interessado pela flor, no seu contato “corpo a corpo” porque é em “sua forma insegura” que é possível o encontro entre o indivíduo com o todo: “Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde / e lentamente passo a mão nessa forma insegura” (p. 79). No fundo, ressaltamos, aqui, uma poesia comprometida com o seu tempo, diante de conflitos que causam crises no mundo, os quais são verificados na consciência artística. Ao rastrear e selecionar, no mundo, a matéria poética, o eu lírico devolve-nos reflexão e tensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta, na leitura do poema “A flor e náusea”, de Carlos Drummond de Andrade, foi traçar o vigor e a força pelo movimento de resistência ética, marcada por um processo de tensão entre o homem e uma flor. Entendemos,

pois, que o nascimento da flor, em sua matéria silenciosa, conecta o eu artístico a um sistema de pensamento e reflexão, a qual chamamos, aqui, de engajamento, pois eleva o sujeito à manifestação política por via do poético. Consideramos o político, porque o “povo”, como se dá no título em que o poema está inserido, *A rosa do povo*, prefigura-se no lugar e no tempo presente, em que tudo parece convergir do enjoo, da melancolia, do ódio, sentimentos de desconfiança que remontam ao momento no qual o poema foi concebido.

Dessa forma, nosso objetivo na interpretação de “A flor e a náusea”, configura-se na abordagem que considera a existência de um grito utópico de liberdade, de consciência que declara o desejo de ver as coisas com ênfase, ou seja, em sua transparência, já que é apenas por meio da ênfase, que é possível projetar e desvelar a realidade em sua mais nua substância, mesmo que seja no dramático encontro com formas inseguras. Assim, num tempo em que nada parece emergir da segurança, “a força dos problemas é tão intensa que o poema parece crescer em torno deles, como arquitetura que os projeta” (CANDIDO, 2017, p. 98). Buscou-se, portanto, verificar como se dá a inquietude e a tensão dramática no poema, assim como a esperança. A partir de nossa leitura, discorre-se que, neste clima, o eu, preso à sua classe, poderá pedir a sua autodestruição, ele não se

encontra imune no momento em que o tempo presente é enfatizado, pois o eu participa também da tensão moderna: “Pôr fogo em tudo, inclusive em mim”. (p.78)

Expôs-se, neste artigo, como a poética de Carlos Drummond de Andrade, especificamente no poema “A flor e a náusea”, na busca da participação, expõe a sociedade moderna pela tensão e pelo drama, projetando-se na necessidade de reflexão lírica diante de uma realidade em que muitos homens estão alienados, conforme as mercadorias ganham força, assim como retiram os sujeitos do interesse coletivo, jogando-os no individualismo exacerbado e na burocratização da vida.

REFERÊNCIAS

ADORNO. Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: **Notas de Literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 65-89.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A flor e a náusea. In: **Poesia Completa**. Introdução de Silviano Santiago. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2002. p. 118-119.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Nosso Tempo. In: **Poesia Completa**. Introdução de Silviano Santiago. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2002. p.125-130.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Trad. Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. Trad. Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tania Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BENOÎT, Denis. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. Trad. Luiz Dagobert de Aguirra e Roncari. Bauru: EDUSC, 2002.

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o tempo da Poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, Alfredo. Em torno de um poema de A Rosa do Povo. In: **Três Leituras: Machado, Drummond, Carpeaux**. São Paulo: Editora 34, 2017. p.35-59.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: **Vários Escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. p. 69-99.

CANDIDO, Antonio. **O Estudo Analítico do Poema**. 5.ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

IANNI, Octávio. Sociologia e Literatura. In: **Sociedade e Literatura no Brasil**. Org. José Antonio Segatto e Ude Baldan. São Paulo: Ed. Unesp, 1999. p. 09-42.

LABASTIDA, Jaime. En Busca del Canon Perdido (en la Literatura de México y de Sinaloa). In: **História e Literatura: homenagem a Antonio Candido**. Org. Jorge Ruedas de la Serna. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. p. 17-34.

MORAES, Eliane Robert. **O Corpo Impossível: a decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2017.

NUNES, Benedito. Carlos Drummond: a morte absoluta. In: **A clave do poético**. Org. Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 240-263.

SIMON, Iumna Maria. **Drummond: uma poética do risco**. São Paulo: Ática, 1978.